



Sociedade das Ciências Antigas

Vida e obra de São Tomás de Aquino (1225 – 1274)



Introdução

Ao longo da História da Igreja, surgiram grandes nomes no campo das especulações filosóficas e teológicas. Foram homens que, agraciados por Deus, trouxeram grandes contribuições para o desenvolvimento da doutrina católica. Um desses grandes pensadores foi, sem dúvida, São Tomás de Aquino.

Tomás era da linhagem dos condes de Aquino, condado próximo de Nápoles, na época pertencente ao Reino da Sicília. Nasceu no castelo de Rocasecca, no ano de 1225. Desde criança revelou um profundo espírito observador. Recebeu suas primeiras instruções com os beneditinos no mosteiro de Montecassino. No ano de 1239, entrou na universidade de Nápoles, e no ano de 1245 entrou na Ordem Dominicana. Em seguida, foi para Paris, ficando sob a orientação de Santo Alberto Magno, cuja influência sobre o jovem Tomás foi bastante grande. Tomás, logo se distinguiu na cadeira de filosofia, tomando conhecimento dos autores gregos, principalmente Aristóteles.

São Tomás viveu numa época bastante feliz para toda a cristandade. Foi uma época de grandes santos, como São João Boaventura, Santo Alberto Magno, Hugo de São Vitor, Ricardo de São Vitor e outros (lembramos que São Francisco de Assis, Santo Antonio e São Domingos haviam morrido na época da infância de São Tomás). No campo da política, passava-se um período de paz no ocidente, com um grande Rei no trono francês, mais tarde canonizado, o Rei São Luis IX. O próprio Papa dos últimos anos de São Tomás foi um grande homem, ele também beatificado por um sucessor seu, o Papa Clemente XI, no ano de 1713. Nessas condições, a genialidade de São Tomás pode desabrochar com tranqüilidade.

A vida de São Tomás de Aquino é toda ela uma grande bênção de Deus para toda a Igreja e toda a humanidade. No seu processo de canonização, o Papa João XXII, referindo-se a suas obras, disse que cada página de seus escritos era um grande milagre de Deus para a Igreja.

De fato, não há praticamente nenhum assunto de interesse filosófico, teológico ou pastoral, que não tenha sido abordado pelo grande pensador italiano. Seu apelido era o de "boi mudo", pois segundo a tradição, tinha um olhar vago, submerso em reflexões profundas, ficando, às vezes, horas e horas em absoluto silêncio. São bem conhecidas algumas anedotas sobre sua vida: "Numa ocasião, estava pensativo em seu escritório, quando dois jovens monges resolveram brincar com ele. Para tanto começaram a dizer em voz alta: "Um boi voando! Veja só que coisa estranha, irmão Tomás, um boi voando!" São Tomás, rapidamente correu para olhar pela janela, dizendo: "Onde? Onde? Não estou vendo!" Os jovens passaram a rir muito, dizendo: "Mas, irmão Tomás, como o senhor pôde acreditar em um boi voador"? A que São Tomás respondeu: "Pensei que fosse mais fácil um boi voar do que dois monges mentirem!" e saiu rindo da situação, para vexame dos jovens.

Santo Tomás foi investido do cargo de mestre na universidade de Sorbone, na primavera de 1256. Depois da cerimônia inaugural, tornou-se "Mestre Regente em Ato", mas teve que esperar quase um ano para ser agregado ao "Colégio dos Mestres", por causa de uma pendência que havia entre os dominicanos e os padres comuns. Isso porque, sendo os dominicanos uma ordem religiosa nova, era ainda objeto de muita desconfiança por parte dos demais religiosos. Assim como os franciscanos, os dominicanos pregavam a pobreza, o que era visto com reservas por parte de alguns clérigos. Algumas obras de grande importância vêm desse período, como as "Questões Disputadas", espécie de torneio intelectual sobre uma dada questão filosófica ou religiosa.

São Tomás freqüentou a corte de Luis IX, Rei da França, que, como dissemos, seria também canonizado no futuro. O monarca era sempre muito impressionado pela erudição e pela tranqüilidade do monge dominicano. Freqüentemente o convidava para jantar, junto com outros nobres no castelo real. Tomava sempre o cuidado de deixar, ao lado de Tomás, papel e lápis para o caso do grande pensador ter alguma idéia importante durante o jantar. De fato, varias vezes o santo ficava emudecido, absorto em suas reflexões. Passava então a anotar tudo o que havia pensado, na própria mesa do rei!

A vida de São Tomás é toda ela um grande Hino de Glória a Deus, ao seu amor e a sua criação. Já idoso, pouco antes de sua morte, ao rezar uma missa, São Tomás foi tomado por um êxtase místico que durou alguns minutos. Ao voltar a si, disse para os presentes: "O que acabo de ver é de uma maravilha tal, que melhor seria que toda minha obra fosse rasgada e jogada no lixo!" Todos ficaram bastante surpresos com tal idéia, pois já o tinham como grande gênio. Felizmente, ninguém pensou em fazer tal coisa!

Ao romper com a linhagem tradicional da Igreja Católica medieval, ancorada no pensamento platônico, Tomás de Aquino situou-se na vanguarda de seu tempo. Sua obra, baseada nas idéias aristotélicas, contribuiu para a adaptação e sobrevivência da fé cristã paralelamente à nova mentalidade racionalista que se tornaria, nos séculos seguintes, o fio condutor da civilização ocidental.

Após uma longa preparação e um desenvolvimento promissor, a escolástica chega ao seu ápice com Tomás de Aquino. Adquire plena consciência dos poderes da razão, e proporciona finalmente ao pensamento cristão uma filosofia. Assim, converge para Tomás de Aquino não apenas o pensamento escolástico, mas também o pensamento patrístico, que culminou com Agostinho, rico de elementos helenistas e neoplatônicos, além do patrimônio de revelação judaico-cristã, bem mais importante.

Para Tomás de Aquino, porém, converge diretamente o pensamento helênico, na sistematização imponente de Aristóteles. O pensamento de Aristóteles, pois, chega a Tomás de Aquino enriquecido com os comentários pormenorizados, especialmente árabes.

São Tomás de Aquino, em italiano Tommaso d'Aquino, (1225-1274) nasceu em um castelo próximo à cidade de Aquino, Itália, de uma família nobre. Entrou cedo para a ordem Dominicana.

Não se sabe com precisão os acontecimentos da sua vida. As universidades surgem no século XII, e elas começam a ter forte atuação e influência. Cria-se um ambiente cultural, nas capitais, em que irão atuar Alberto Magno e seu discípulo, São Tomás de Aquino. Há uma miscigenação cultural, pois os Sábios da Arábia vem para a Europa. São Tomás de Aquino entrou para a universidade de Nápoles, onde estudou filosofia. Sabia, falava e escrevia em latim fluentemente. Escreveu um opúsculo quando ainda era jovem, *O ente e a Essência*, entre os anos de 1252 e 1253. Aborda questões metafísicas, explicando o percurso da consciência humana entre a sensação e a concepção. Diz, o que cai imediatamente no alcance do saber humano é composto. O homem se eleva do composto ao simples, do posterior ao anterior. A essência existe no intelecto. A substância composta é matéria e forma. A forma e matéria, quando tomadas em si, ou seja, sem o aparato do entendimento racional considerando-as, é incognoscível, mas existem caminhos para a investigação das possibilidades. O intelecto quando está isento da materialidade, desvela que nada pode ser mais perfeito do que aquilo que confere o ser. São Tomás é famoso por ter cristianizado Aristóteles, à semelhança do que fez Agostinho com Platão, ele transformou o pensamento desse sábio num padrão aceitável pela igreja católica, Apesar de Aristóteles não ter conhecido a revelação cristã, como diz Tomás, e de sua obra ser original, autônoma e independente de dogmas, ele está em harmonia com o saber contido na Bíblia. E Tomás aplica o pensamento de Aristóteles na teologia.

Oriundo de uma família da pequena nobreza que pretendia beneficiar-se das vantagens de ter um filho abade, aos cinco anos foi oferecido como oblato - leigo a serviço de ordem monástica - à abadia de Monte Cassino. Em 1239 foi obrigado a voltar ao convívio da família, quando os monges foram expulsos pelo imperador. Enviado à Universidade de Nápoles, em 1244 ingressou na ordem mendicante dos dominicanos, criada cerca de trinta anos antes, que criticava a vida monástica tradicional em favor de uma prática de pregação e ensino.

Para subtraí-lo à influência da família, que desaprovava seu ingresso na ordem, e ao mesmo tempo possibilitar que continuasse os estudos universitários, seus superiores enviaram-no a Paris. Seqüestrado durante a viagem por seus irmãos, Tomás de Aquino foi encerrado por um ano no castelo de Roccasecca. Tendo resistido a todas as pressões para que abandonasse seus propósitos, foi finalmente libertado e rumou para Paris em 1245. Na capital francesa, a ciência árabe-aristotélica, totalmente nova para o homem ocidental, chocava os cristãos e provocava forte reação das autoridades da igreja, que adotavam medidas de censura e proibição. Alberto Magno, de quem Tomás de Aquino tornou-se discípulo, estava entre os que não temiam a nova filosofia. Consagrava-se à interpretação dos textos de Aristóteles e à incorporação de suas idéias à doutrina da igreja. Em 1248, ambos seguiram para Colônia e, em 1252, Tomás de Aquino retornou a Paris, onde se formou em teologia. A partir de 1256, tornou-se mestre na matéria, que passou a lecionar numa das escolas dominicanas incorporadas à Universidade de Paris. Nomeado mestre da cúria pontifical, entre 1259 e 1268 lecionou em Anagni, Ovieto, Roma e Viterbo.

Mais uma vez de volta a Paris, Tomás de Aquino opôs-se simultaneamente, em notável polêmica, aos averroístas, que afirmavam que a verdade da fé pode entrar em contradição com a verdade racional e propunham uma teoria dualista; e aos agostinianos, detratores do pensamento aristotélico em favor do dogma cristão. A condenação do averroísmo radical, em 1270, e o subseqüente descrédito face ao pensamento aristotélico prejudicaram o prestígio de Tomás de Aquino.

Em 1272, o filósofo seguiu para Nápoles, onde fundou um núcleo dominicano de estudos na universidade. Ali, as divergências com os agostinianos acentuaram-se. A idéia tomista segundo a qual o homem situa-se na fronteira entre dois universos, o material e o espiritual, era para os agostinianos fruto de uma valorização excessiva da natureza e da matéria, em detrimento da transcendência e superioridade da alma imortal sobre o plano físico.

Em 1274, Tomás de Aquino foi pessoalmente convocado pelo papa Gregório X a participar do II Concílio de Lion, cujo principal objetivo era remediar a cisão entre as igrejas grega e romana. Adoeceu durante a viagem e morreu no mosteiro cisterciense de Fossanova, em 7 de março de

1274. Tinha apenas quarenta e nove anos de idade. Três anos depois, os mestres de Paris, que representavam a maior autoridade teológica da igreja, condenaram 219 proposições, entre as quais 12 eram de autoria do dominicano. Na Idade Média, nenhuma condenação poderia ser mais séria que essa e sua repercussão representou, durante séculos, um obstáculo à difusão do tomismo. Canonizado em 1323, Tomás de Aquino passou a ser festejado no aniversário de sua morte e, mais tarde, no dia 28 de janeiro. Foi reconhecido como doutor da igreja em 1567 e, no final do século XIX, a corrente ortodoxa fez-se representar pelo tomismo. Ele é também conhecido como "Doutor Angélico".

A obra de São Tomás de Aquino

A obra de São Aquino é imensa, alguns de seus trabalhos foram escritos por ele mesmo, outros ditados e outros ainda reportados de suas aulas. Aristóteles disse, e isso foi comentado por São Tomás, que o homem tem a sensação em comum com os animais, que sentem de maneira perfeita. A memória nasce pelo acúmulo de lembranças, e a lembrança nasce da experiência. Mas o homem se eleva ao raciocínio e produz a arte. A filosofia é um conhecimento das causas dos fenômenos. Assim a filosofia deve considerar o senso comum e tem um aspecto coincidente com a teologia: seu saber provém da Sabedoria divina. Então, em menor grau o saber popular também. Mas a sabedoria divina deve ser procurada através da fé, dizia Tomás, e isso é comum entre os teólogos. Ele distingue na natureza o ser real e o ser da razão (Espinoza nos Pensamentos metafísicos também o faz, mais uma vez.). O ser real existe independente de qualquer consideração da razão. O ser da razão é aquele que apesar de existir em representação, não pode ser independente do pensamento de quem o concebe. Assim a lógica humana só existiria no conceito, e não na realidade. Por outro lado, a alma é imortal, pois é imaterial, e tudo que é imaterial é imortal. Esse argumento como outras verdades teológicas pode ser agora combatido, mas durante séculos ele fundamentou o pensamento em que a Igreja se apóia.

Para Tomás, o conhecimento passa por vários graus de abstração cujo objetivo é conhecer a imaterialidade. O primeiro esforço da existência abstrativa consiste em considerar as coisas independentemente dos sentidos e da noção que tiramos dele. O segundo esforço consiste em considerar as coisas independentes das qualidades sensíveis. No terceiro esforço tem que se consideraras coisas independentes do seu valor material. Assim chega-se ao objeto metafísico, que é imaterial, espiritual.

O trabalho de São Tomás pode ser dividido em quatro grandes grupos: as chamadas "Obras Sistemáticas", as "Questões Disputadas", "Comentários Filosóficos" e "Comentários sobre as Sagradas Escrituras".

As Obras Sistemáticas são: "In Quattuor Libros Sententiarum" (Sobre os Quatro Livros das Sentenças - 1254-1256); "Summa Contra Gentiles" (Suma Contra os Gentios -1258-1264) e "Summa Theologica" (Suma Teológica - 1267-1273).

As "Questões Disputadas" compreendem cinco escritos: "De Veritate" (Sobre a Verdade - 1256-1259), "De Potentia" (Sobre a Potencia - 1256-1262), "De Malo" (Sobre o Mal - 1263-1268), "De Anima" (Sobre a Alma - 1269-1270) e finalmente "De Virtutibus" (Sobre as Virtudes - 1269-1270).

Os "Comentários Filosóficos" dizem respeito às obras de Aristóteles, Boécio e as do Pseudo-Dionísio. De Aristóteles, São Tomás comentou as mais importantes: "A Física" (1265-1270), "A Metafísica" (1265-1270), "A Ética" (1266), "A Política" (1268), "Analíticos Posteriores" (1268), "Da Alma" (1270) e "Peribermencias" (Sobre a Interpretação - 1269-1272).

Nas obras menores de São Tomás, destacamos dois ensaios filosóficos de grande valor: "De Ente et Essentia" (Sobre o Ser e a Essência) e "De Regimine Principum" (Sobre o Governo dos Príncipes). O primeiro fala sobre questões metafísicas, o segundo sobre política.

Na Suma contra os Gentios faz uma exposição completa da religião católica, identificando o que há de verdade nela. Gentios eram os pagãos e os maometanos. Essa suma trata de Deus e suas obras, da fé no mistério da santíssima trindade, da encarnação, dos sacramentos e da vida eterna. Deus é a verdade pura, sem falsidade vontade que existe em si e para si e neste processo estende sua vontade para o que não é a sua essência. O que não é sua essência seriam só as coisas percebidas, pois Deus é tudo. Não tem ódio, não quer o mal, sua potência indica-se com a sua ação, mas ele não pode tudo. Santo Tomás de Aquino faz a distinção entre a filosofia e teologia. E as criaturas não existem desde sempre. Ele descreve o momento em que se inicia uma vida, quando mostra como a alma se junta ao corpo. É uma grande obra, que influenciou e influencia até hoje todos os católicos, além de filósofos e outros estudiosos.

Um aspecto da filosofia Tomista é a atenção dada à linguagem comum. "O uso comum do povo que deve ser seguido...", assim começa ele a Suma contra os Gentios. Assim, em Tomás, encontramos a recusa de uma "terminologia" e a aproximação da linguagem comum, por ele considerada depositária de sabedoria, quando devidamente trabalhada. As experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo escondem-se e se depositam na linguagem. E o filosofar é, em boa medida, uma tentativa de lembrar, de resgatar a grande sabedoria que se encontra encerrada na linguagem comum.

Por isso, Tomás sempre está atento à linguagem do povo, buscando nela a transparência. Um exemplo entre tantos: já na primeira questão da Suma Teológica, ao procurar caracterizar o que é a sabedoria, Tomás explica que a sabedoria não deve ser entendida somente como conhecimento que advém do frio estudo, mas como um saber que se experimenta e se saboreia. Sempre tendo em conta os fenômenos da linguagem, a fala do povo, como fonte de profundas descobertas filosóficas, encanta-se com o fato - para ele experiência pessoal vivida - de que em latim *sapere* signifique tanto "saber" como "saborear". Esta coincidência de significados na linguagem do povo - São Tomás bem o "sabe" - não é casual: se há quem saiba por que estudou, verdadeiramente sábio é aquele que sabe porque saboreou...

São Tomás afirmava que o estudo da sabedoria é o mais perfeito, sublime, proveitoso e alegre de todos os estudos humanos. Mais perfeito, realmente porque o homem possui já alguma parte da verdadeira bem-aventurança, na medida em que se entrega ao estudo da sabedoria. Por isso, diz o sábio: "Feliz o homem que medita na sabedoria". Mais sublime, porque principalmente por ele o homem se assemelha a Deus, que "tudo fez sabiamente"; e porque a semelhança é causa do amor, o estudo da sabedoria une especialmente a Deus por amizade, e assim se diz dela que é "para os homens tesouro inesgotável, e os que dele se aproveitam tornam-se participantes da amizade divina". Mais útil, porque a sabedoria é o caminho para chegar à imortalidade: "O desejo da sabedoria conduz a reinar para sempre". E mais alegre, finalmente, "porque não é amarga sua conversação nem dolorosa sua convivência, na alegria e gozo". Porque servindo-se das palavras de Santo Hilário: "Considero como o principal dever de minha vida para com Deus esforçar-me para que minha língua e todos os meus sentidos falem dele".

Um dos pontos mais centrais na visão do mundo de Tomás é a afirmação do mistério: as coisas não são, para nós, totalmente cognoscíveis. Longe de qualquer ceticismo, o que Tomás afirma é que as coisas são cognoscíveis porque são criadas por Deus e, precisamente por isso (por procederem da Inteligência de Deus), as coisas também são inabarcáveis pelo nosso conhecimento. Daí as sentenças de sua filosofia (e teologia) negativa, tão surpreendentes para certos setores do tomismo que ignoram Tomás: "Nenhum filósofo até hoje foi capaz de abarcar sequer a essência de uma mosca" (In Symb. 1). O Tomás que diz "intellectus... penetrat usque ad rei essentiam" (a inteligência penetra até a essência das coisas) (I-II, 31, 5) é o mesmo que afirma "rerum essentiae sunt nobis ignotae" (as essências das coisas nos são desconhecidas) (De Ver. 10, 1).

Ao tratar dos transcendentais, interessa-nos um particular aspecto dessa limitação do conhecimento humano. Um aspecto que Tomás aponta como uma das diferenças entre o pensar/falar humano e o

divino: se a palavra (Verbo) de Deus expressa perfeita e plenamente o conhecimento divino; a nossa palavra expressa só fragmentária e setorialmente o nosso conhecimento (De differentia verbi divini et humani V, 1.).

Assim, a linguagem não só reflete a limitação do conhecimento humano (não podemos expressar o que as coisas são, na medida em que não sabemos completamente o que elas são), como também, freqüentemente, expressa fragmentariamente aquilo que sabemos sobre as coisas. Ao discutir se os nomes essenciais de Deus se aplicam singularmente às pessoas, Tomás começa por citar a objeção que aponta que a palavra hebraica Elohim (deuses) indica pluralidade. Mas, em resposta à objeção, Tomás faz notar que "*diversae linguae habent diversum modum loquendi* (I, 39, 3 ad 2)" cada língua tem seu particular (e fragmentário) modo de incidir sobre a realidade: daí que os gregos com o plural *hypostases*, tal como a palavra hebraica *Elohim*, indicam a pluralidade de pessoas; já o modo latino de se referir a Deus (com o substantivo *Deus*) acentua a unicidade da substância divina.

O que Tomás está a indicar é o já referido carácter fragmentário que freqüentemente a linguagem apresenta: incapazes que somos de expressar numa palavra todo o conteúdo essencial de algo, a palavra constitui, por assim dizer, um "gancho" que se fixa num único aspecto da realidade, enfatizando-o e como que deixando à margem outros aspectos da coisa.

Exemplifiquemos com uma análise do próprio Tomás: ao tratar da gratidão, ele ensina que essa é uma realidade humana complexa. Mais precisamente, admite três níveis: "A gratidão se compõe de diversos graus. O primeiro consiste em reconhecer (*ut recognoscat*) o benefício recebido; o segundo, em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); o terceiro, em retribuir (*ut retribuatur*) de acordo com as próprias possibilidades e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar" (II-II, 107, 2, c).

A expressão verbal da gratidão em cada língua - *diversae linguae habent diversum modum loquendi* - enfatizará um e apenas um desses níveis que compõem a gratidão: é conhecido fato de linguagem que o inglês *to thank* (como o alemão *zu danken*), está etimologicamente próximo de *to think* (*zu denken*), incidindo assim sobre o primeiro nível do agradecimento: o do pensar, reconhecer (reconnaissance) o favor. Já o espanhol (*gracias*), o italiano (*grazie*), o francês (*merci*, *mercê*), o árabe (*shukran* é agradecimento/louvor) e o próprio latim (*gratias tibi ago*) caem no segundo nível; enquanto o português ("obrigado, muito obrigado") expressa somente o terceiro e mais profundo nível da gratidão: o da obrigação de retribuir.

Os pecados capitais

Malum Autem Contingit Ex Singularibus Defectis (Para conhecer o mal é necessário voltar-se para os modos concretos em que ele ocorre)

Foi São Tomás de Aquino quem relacionou os sete pecados chamados capitais: hierarquicamente organizados num grande exército, onde o **orgulho** (*superbia*) exercia a função de comandante supremo, seguido dos seis outros vícios, quer dizer, a **inveja** (*invidia*), a **cólera** (*ira*), a tristeza ou **preguiça** (*accidia*), a **avareza** (*avaritia*), a **gula** e a **luxúria**, os quais, por sua vez, conduziam uma multidão de pecados secundários. Embora tivessem existido outras formas de classificação (a divisão entre pecados mortais e veniais; pecados de pensamentos, palavras ou obras), a dos pecados capitais foi a mais difundida e a que mais exerceu influência na cultura medieval.

O que significa vício capital? São Tomás ensina que recebem este nome por derivar-se de caput: cabeça, líder, chefe (em italiano ainda hoje há a derivação: capo, capo-Máfia); sete poderosos chefões que comandam outros vícios subordinados.

São capitais porque deles nascem outros e outros e outros. São Tomás, na sua Suma Teológica explica que a grande característica desses pecados não é sua gravidade, mas "*é que eles são extremamente desejáveis, tanto que por eles um homem comete muitos outros pecados*".

Os "pecados capitais" – que foram extraídos do *De Malo* e que estão igualmente discutidos na *Summa Theologica* – dão testemunho que todos os vícios são uma desordem das paixões e que é benéfico qualquer exercício para tentar reorganizá-las, reconduzi-las ao "reto caminho". Atente-se para as considerações acerca da "ira": o aspecto "formal" dela suscita o desejo de vingança; mas seu aspecto "material", as alterações fisiológicas que provoca (por exemplo, o calor do sangue no coração), evocam a força da natureza humana que, se devidamente administrada por nossa alma racional, pode conduzir ao bem. E mais: porque a luxúria é o mais temível dos pecados capitais? Por causa do enorme prazer que proporciona, exigindo, em contrapartida, maior zelo da razão, a encarecer, portanto, a difícil conquista daquele bem – que é, afinal, o devaneio de qualquer ínfimo mortal.

A cada vício, os sábios teólogos fizeram corresponder uma virtude. No caso da gula, é a temperança ou a moderação. A gula é nossa incapacidade de praticar a moderação, é comer ou beber muito além do que o humanamente razoável. A palavra vem do latim *gluttire*, que quer dizer, engolir. A ênfase aqui é no excesso.

Deste modo, na Idade Média a concepção do tempo, a organização do espaço, os elementos que integravam os sistemas de valores, toda a vida e visão de mundo girava em torno da presença do pecado. A esta "cultura do pecado" pode-se associar um complexo de práticas penitenciais bem como o desenvolvimento da idéia e prática da confissão, que conheceu grande desenvolvimento a partir do século XIII.

Como dizíamos, Tomás situa a soberba fora e acima da lista dos vícios capitais. Após afirmar o princípio básico - "todo pecado se fundamenta em algum desejo natural e o homem, ao seguir qualquer desejo natural, tende à semelhança divina, pois todo bem naturalmente desejado é uma certa semelhança com a bondade divina" -, e que o pecado é desviar-se da reta apropriação de um bem, Tomás lembra que, se a busca da própria excelência é um bem, a desordem, a distorção dessa busca é a soberba que, assim, se encontra em qualquer outro pecado: seja por recusar a superioridade de Deus que dá uma norma, norma esta recusada pelo pecado, seja pela projeção da soberba que se dá em qualquer outro pecado.

Ao acumular indevidamente riquezas, por exemplo, é a afirmação da excelência do eu - pela posse - o que se busca. Assim, a soberba, mais do que um pecado capital, é rainha e raiz de todos os pecados. "A soberba geralmente é considerada como mãe de todos os vícios e, em dependência dela, se situam os sete vícios capitais, dentre os quais a vaidade é o que lhe é mais próximo: pois esta visa manifestar a excelência pretendida pela soberba e, portanto, todas as filhas da vaidade têm afinidade com a soberba" (*De Malo* 9, 3, ad 1).



A Caridade

Três coisas são necessárias à salvação do homem: A ciência do que se há de crer; a ciência do que se há de desejar; e a ciência do que se há de fazer. A primeira é-nos ensinada no Credo. A segunda, no Pai-Nosso. A terceira, na Lei. Agora vamos tratar desta última. Existem quatro leis:

A Lei da Natureza: é a luz da inteligência posta em nós por Deus, pela qual conhecemos o que devemos fazer. De fato, ninguém ignora que aquilo que não queremos que seja feito a nós não o devemos fazer ao outro. "Sobre nós está assinalada a luz do teu semblante."

A Lei da Concupiscência: Quando Deus criou o homem, a carne era submissa em tudo à alma, ou à razão. Mas, depois que o demônio pela tentação afastou o homem da observância dos preceitos divinos, também a carne se tornou desobediente à razão. Donde suceder que, ainda que o homem queira o bem segundo a razão, está, todavia, inclinado ao contrário pela concupiscência.

"Mas vejo outra lei nos meus membros, a qual se opõe à lei da minha razão."

A Lei da Escritura, ou do Temor: A lei da natureza estava destruída pela lei da concupiscência. Fazia-se, portanto, necessário que o homem fosse restituído à obra da virtude e fosse afastado dos vícios. Para isto foi necessária a lei da Escritura. Deve-se saber, porém, que o homem é afastado do mal e induzido ao bem por duas coisas, a primeira das quais é o temor. De fato, a primeira coisa por que alguém começa a evitar o pecado é a consideração das penas do inferno e do juízo final. Conquanto não seja justo aquele que por temor não peca, daqui no entanto principia a justificação.

"O início da Sabedoria é o temor do Senhor."

"O temor do Senhor expulsa o pecado."

A Lei Evangélica, ou do Amor. Há outro modo de afastar do mal e induzir ao bem, a saber, o modo do amor, e deste modo foi dada a lei de Cristo, a lei Evangélica, que é Lei de Amor.

A lei do amor torna livre: Quem age somente pelo temor age ao modo de servo; quem, porém, o faz por amor, fá-lo ao modo de livre, ou de filho.

A lei do amor introduz nos bens celestes: Os observadores da primeira lei eram introduzidos nos bens temporais, mas os observadores da segunda lei são introduzidos nos bens celestes.

A lei do amor é leve: "Não recebestes um espírito de servidão para recairdes no temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos."

"O meu jugo é suave, e o meu peso é leve."

Conclusão: Como nem todos podem ser versados na ciência, foi-nos dada por Cristo uma lei breve, para que todos a pudessem saber, e para que ninguém por ignorância pudesse escusar-se de sua observância, e esta é a lei do amor divino.

Esta lei deve ser a regra de todos os atos humanos. Qualquer obra humana é reta e virtuosa quando concorda com a regra do amor divino. Quando, porém, discorda desta regra, não é boa, nem reta, nem perfeita. Portanto, para que os atos humanos se tornem bons, é necessário que concordem com a regra do amor divino.

Soberba

A soberba refere-se às relações do homem com Deus: é a negação, contrária à realidade, da relação de dependência da criatura para com o Criador: é um desconhecimento da *criaturalidade* do homem, da sua condição de criatura. Em todos os pecados há este duplo aspecto: a *aversio*, aversão a Deus, e a *conversio*, a conversão, o apegamento aos bens efêmeros. O elemento formal determinante é o primeiro: a aversão a Deus. E esse, em nenhum outro pecado é tão explícito e formal como na soberba. "Todos os outros pecados fogem de Deus, e só a soberba se opõe a Deus". É só dos soberbos que a Sagrada Escritura diz que Deus lhes resiste (Tiago 4, 6).

Humildade

A humildade também não é, em primeiro lugar, uma atitude externa nas relações da convivência humana. A humildade é, sobretudo, uma atitude do homem perante Deus. Aquilo que a soberba nega e destrói, a humildade reafirma e consolida: a condição de criatura do homem. Esta condição constitui a essência mais profunda do homem. Portanto, a humildade, como "sujeição do homem a Deus", é a adesão, o sim de assentimento a esta condição originária e essencial.

Em segundo lugar, a humildade não consiste num comportamento exterior, mas numa atitude interior, nascida da decisão da vontade. Consiste naquela atitude que, fixa em Deus e consciente da sua condição de criatura, reconhece a realidade graças à vontade divina. É principalmente a simples aceitação disto: que o homem e a humanidade não são Deus, nem "como Deus". E é aqui que aflora a ligação escondida que une a humildade, virtude cristã, com o Dom - talvez também cristão - do humor.

Será possível evitar dizer agora - em terceiro lugar -, por fim e francamente, que a humildade, para além de tudo quanto já se disse, também é uma atitude do homem para com o homem, e principalmente atitude de humilhação voluntária e recíproca? Vejamos.

São Tomás de Aquino levantou a questão da atitude de humildade dos homens para com os homens, e respondeu da seguinte maneira: "Observa-se nos homens uma dupla realidade: aquilo que é de Deus, e aquilo que é do homem... A humildade, no entanto, no sentido mais próprio, é a reverência do homem submetido a Deus. É por isso que o homem, olhando para aquilo que lhe é próprio, tem que se submeter ao seu próximo, olhando para aquilo que esse tem de Deus em si. Mas a humildade não exige que alguém submeta aquilo que nele há de Deus, àquilo que parece haver de Deus no próximo... Do mesmo modo, a humildade não exige que alguém submeta aquilo que tem em si de próprio, ao que nos outros é próprio dos homens".

No âmbito vasto, de muitos degraus, embora bastante bem delimitado, desta resposta, há espaço tanto para o "desprezo pelo homem" do magnânimo, como também para a humilhação voluntária de São Francisco de Assis, que largou o hábito para se apresentar ao povo com um cordão em volta do pescoço. Aqui também se demonstra que a ética cristã não dá grande valor a medidas e regras estreitas e rígidas. Esta opinião é expressa por Santo Agostinho sobre outra questão também ligada com a presente, na seguinte frase: "Quando alguém diz que não se deve receber diariamente a Comunhão e outrem diz o contrário, então cada um faça aquilo que julgar mais conforme à sua fé e devoção. Também não se contradisseram Zaqueu e o centurião, ainda que um tenha recebido o Senhor com alegria (Lucas 19, 6), e o outro tenha dito: 'Não sou digno de que entreis na minha casa' (Lucas 7, 6). Ambos honraram o Salvador, cada qual a seu modo".



A Oração

São Tomás dizia que a Oração Dominical, entre todas, é a oração por excelência, pois possui as cinco qualidades requeridas para qualquer oração. A oração deve ser: confiante, reta, ordenada, devota e humilde.

A oração deve ser confiante, como São Paulo escreve aos Hebreus (4, 16): *Aproximemo-nos com confiança do trono da graça, a fim de alcançar a misericórdia e achar graça para sermos socorridos no tempo oportuno.* A oração deve ser feita com fé e sem hesitação, segundo São Tiago. (Tg 1,6): *Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus... Mas peça-a com fé e sem hesitação.* Por diversas razões, o Pai Nosso é a mais segura e confiante das orações. A Oração Dominical é obra de nosso advogado, do mais sábio dos pedintes, do possuidor de todos os tesouros de sabedoria (cf. Cl 2, 3), daquele de quem diz São João (I, 2, 1): *Temos um advogado junto ao pai: Jesus Cristo, o Justo.* São Cipriano escreveu em seu Tratado da oração dominical: "Já que temos o Cristo como advogado junto ao Pai, por nossos pecados, em nossos pedidos de perdão, por nossas faltas, apresentemos em nosso favor, as palavras de nosso advogado". A Oração Dominical parece-nos também que deve ser a mais ouvida porque aquele que, com o Pai, a escuta é o mesmo que nela ensinou; como afirma o Salmo 90 (15): *Ele clamará por mim e eu o escutarei.* "É rezar uma prece amiga, familiar e piedosa dirigir-se ao Senhor com suas próprias palavras" diz São Cipriano. Nunca se deixa de tirar algum fruto desta oração que, segundo santo Agostinho, apaga os pecados veniais.

Nossa oração deve, em segundo lugar, ser reta, quer dizer, devemos pedir a Deus os bens que nos sejam convenientes. "A oração, diz São João Damasceno, é o pedido a Deus dos dons que convém pedir". Muitas vezes, a oração não é ouvida por termos implorado bens que verdadeiramente não nos convêm. "*Pediste e não recebeste, porque pediste mal*", diz São Tiago. (4,3). É tão difícil saber com certeza o que devemos pedir, como saber o que devemos desejar. O Apóstolo reconhece, quando escreve aos Romanos (8, 26): *Não sabemos pedir como convém, mas (acrescenta), o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis.* Mas não é o Cristo que é nosso doutor? Não foi ele que nos ensinou o que devemos pedir, quando seus discípulos disseram: *Senhor, ensina-nos a rezar?* (Lc 11, 1). Os bens que ele nos ensina a pedir, na oração, são os mais convenientes. "Se rezamos de maneira conveniente e justa, diz Santo Agostinho, quaisquer que sejam os termos que empregamos, não diremos nada mais do que o que está contido na Oração Dominical".

Em terceiro lugar, a oração deve ser *ordenada*, como o próprio desejo que a prece interpreta. A ordem conveniente consiste em preferirmos, em nossos desejos e preces, os bens espirituais aos bens materiais, as realidades celestes às realidades terrenas, de acordo com a recomendação do Senhor (Mt, 6,33): *Procurai primeiro o reino de Deus e sua justiça e o resto — o comer, o beber e o vestir — ser-vos-á dado por acréscimo.* Na Oração Dominical, o Senhor nos ensina a observar esta ordem: primeiro pedimos as realidades celestes e em seguida os bens terrestres.

Em quarto lugar, a oração deve ser *devota*. A excelência da devoção torna o sacrifício da oração agradável a Deus. *Em vosso nome, Senhor, elevarei minhas mãos*, diz o Salmista, *e minha alma é saciada como de fino manjar*. A prolixidade da oração, no mais das vezes, enfraquece a devoção; também o Senhor nos ensina a evitar essa prolixidade supérflua: *Em vossas orações não multipliqueis as palavras; como fazem os pagãos*, (Mt 6,7). S. Agostinho recomenda, escrevendo a Proba: "Tirai da oração a abundância de palavras; no entanto não deixeis de suplicar, se vossa atenção continua fervorosa". Esta é a razão pela qual o Senhor instituiu a breve oração do Pai Nosso.

A devoção provém da caridade, que é o amor de Deus e do próximo. O Pai Nosso é uma manifestação destes dois amores. Para mostrar nosso amor a Deus, o chamamos "Pai" e para mostrar nosso amor ao próximo, pedimos por todos os homens justos, dizendo: "*Pai nosso*", e empurrados pelo mesmo amor, acrescentamos: "perdoai as nossas dívidas".

Em quinto lugar, nossa oração deve ser humilde, segundo o que diz o Salmista (Sl 101, 18): *Deus olhou para a prece dos humildes*. Uma oração humilde é uma oração que certamente será ouvida, como nos mostra o Senhor, no evangelho do Fariseu e do Publicano (Lc 18, 9-15) e Judite, rogando ao Senhor, dizia: *Vós sempre tivestes por agradável a súplica dos humildes dos mansos*. Esta humildade está presente na Oração Dominical, pois a verdadeira humildade está naquele que não confia em suas próprias forças, mas tudo espera do poder divino.

São Tomás também analisava os bons efeitos da oração. Notemos que a oração produz *três espécies de bens*. Primeiramente, constitui um remédio eficaz contra todos os males. Livra-nos dos pecados cometidos: "*Remistes, Senhor, a iniquidade de meu pecado*, diz o Salmista (Sl 31,5-6) *por isso todo homem santodirigirá a Vós sua prece*". Assim pediu o ladrão sobre a cruz e obteve seu perdão, pois Jesus lhe respondeu: "Em verdade vos digo, hoje mesmo estareis comigo no paraíso". (Lc 23,43), Do mesmo modo rezou o publicano e voltou para casa justificado (cf. Lc 18,14). A oração nos liberta do medo dos pecados que virão, das tribulações e da tristeza. *Alguém está triste entre vós? Reze com a alma tranqüila* (Tg 5,3). A oração nos livra das perseguições dos inimigos. Está escrito no Salmo 108, 4: *Em resposta ao meu afeto me fizeram mal; eu, porém, orava*.

Em segundo lugar, a oração é um meio útil e eficaz para a realização de todos os nossos desejos. Tudo o que pedirdes na oração, diz Jesus, crede, recebereis. (Mc 11,24) 10 Se não somos atendidos, será porque — ou não pedimos com insistência: é preciso rezar sem descanso (Lc 18, 1) — ou então não pedimos o que é mais útil à nossa salvação. "O Senhor é bom, diz Santo Agostinho, muitas vezes não nos concede o que queremos, para nos dar os bens, que desejaríamos receber, se nossa vontade estivesse bem de acordo com a sua divina vontade". São Paulo é exemplo disso, pois, por três vezes, pediu para ficar livre de um forte sofrimento em sua carne e não foi atendido (cf. II Cor 12,8).

Em terceiro lugar a oração é útil, porque nos torna familiares de Deus. *Que minha oração suba até vós, como a fumaça do incenso*, diz o Salmista (Sl 140, 2).

A Saudação Angélica – Comentário sobre a Ave Maria

Conforme o testemunho de seus contemporâneos, entre os quais se contam muitos de seus irmãos de ordem, sabemos que um ano antes de sua morte, isto é, desde o Domingo da Sexagésima, 12 de fevereiro de 1273, até o dia da Páscoa, 9 de abril, Santo Tomás se consagrou, com todo o cuidado, à instrução dos fiéis, na igreja conventual de São Domingos, em Nápoles.

Fez ali sermões, sucessivamente sobre o Símbolo dos Apóstolos, a Oração Dominical, a Saudação Angélica, sobre os dois preceitos gerais da caridade e os dez mandamentos da lei.

Não se vê, à primeira vista, o que une esses diferentes assuntos, mas o santo Doutor teve o cuidado de mostrá-lo aos seus ouvintes:

"Três coisas são necessárias ao homem para a sua salvação. A primeira é o conhecimento daquilo que se deve crer; a segunda, conhecer o que se deve desejar e a terceira, conhecer o que se deve realizar. O homem tem o primeiro desses conhecimentos no Símbolo dos Apóstolos; a Oração Dominical o instrui sobre o que se deve desejar; e os dois preceitos da caridade e os dez mandamentos da lei mostram o que se deve pôr em prática".

O conjunto desses sermões constitui uma verdadeira catequese pré-batizmal. Padre Toco, dominicano, que assistia às práticas, afirma que cada dia aumentava mais o número de assistentes; a multidão escutava o Bem-aventurado com veneração, como se a palavra viesse diretamente de Deus. Somente o aspecto físico de Santo Tomás, já causava uma impressão profunda. Segundo João Blasio, juiz de Nápoles, Santo Tomás fez os dois sermões sobre a Saudação Angélica, que citamos na seqüência, de olhos fechados ou elevados para o céu, o ar extático. Os numerosos ouvintes do santo, nessa quaresma de 1273, pertenciam a todas as classes sociais e Santo Tomás dirigia-se a eles em italiano, não em latim. Os textos latinos que chegaram até nós, não são, pois, textos originais, mas apenas um resumo destes. Não é certo que o Santo os tenha escrito de sua própria mão nem mesmo que ele os tenha revisto. No entanto, todos os autores que falaram sobre esses textos (Mandonnet, Michelitisch, Grabinan, Walz) são unânimes em afirmar sua autenticidade. Todos asseguram que eles exprimem fielmente o pensamento do Santo Doutor.

Prólogo

A saudação angélica é dividida em três partes: A primeira, composta pelo Anjo: *Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres.* (Lc 1, 28). A segunda é obra de Isabel, mãe de João Batista, que disse: *Bendito é o fruto do teu ventre.* A terceira parte, a Igreja acrescentou: *Maria.* O Anjo não disse: *Ave Maria* e sim, *Ave, Cheia de graça.* Mas este nome de Maria, efetivamente, se harmoniza com as palavras do Anjo, como veremos mais adiante.

Ave

Na antiguidade, a aparição dos Anjos aos homens era um acontecimento de grande importância e os homens sentiam-se extremamente honrados em poder testemunhar sua veneração aos Anjos. A Sagrada Escritura louva Abraão por ter dado hospitalidade aos Anjos e por tê-los reverenciado. Mas um Anjo se inclinar diante de uma criatura humana, nunca se tinha ouvido dizer antes que o Anjo tivesse saudado à Santíssima Virgem, reverenciando-a e dizendo: *Ave.*

Se na antiguidade o homem reverenciava o Anjo e o Anjo não reverenciava o homem, é porque o Anjo é maior que o homem e o é por três diferentes razões: Primeiramente, o Anjo é superior ao homem por sua natureza espiritual. Está escrito: *Dos seres espirituais Deus fez seus Anjos.* (Sl 103).

O homem tem uma natureza corruptível e por isso Abraão dizia a Deus: (Gn 18, 27) *Falarei a meu Senhor, eu que sou cinza e pó.* Não convém que a criatura espiritual e incorruptível renda homenagem à criatura corruptível. Em segundo lugar, o Anjo ultrapassa o homem por sua familiaridade com Deus. Com efeito, o Anjo pertence à família de Deus, mantendo-se a seus pés. *Milhares de milhares de Anjos o serviam, e dez milhares de centenas de milhares mantinham-se em sua presença, está escrito em Daniel (7, 10).* Mas o homem é quase estranho a Deus, como um exilado longe de sua face pelo pecado, como diz o Salmista: (54, 8) *Fugindo, afastei-me de Deus.* Convém, pois, ao homem honrar o Anjo por causa de sua proximidade com a majestade divina e de sua intimidade com ela. Em terceiro lugar, o Anjo foi elevado acima do homem, pela plenitude do esplendor da graça divina que possui. Os Anjos participam da própria luz divina em mais perfeita plenitude. *Pode-se enumerar os soldados de Deus,* diz Jó (25, 3) *e haverá algum sobre quem não se levante a sua luz?* Por isso os Anjos aparecem sempre luminosos. Mas os homens participam

também desta luz, porém com parcimônia e como num claro-escuro. Por conseguinte, não convinha ao Anjo inclinar-se diante do homem, até, o dia em que apareceu urna criatura humana que sobrepujava os Anjos por sua plenitude de graças, por sua familiaridade com Deus e por sua dignidade. Esta criatura humana foi a bem-aventurada Virgem Maria. Para reconhecer esta superioridade, o Anjo lhe testemunhou sua veneração por esta palavra: *Ave*.

Cheia de graça

Primeiramente, a bem-aventurada Virgem ultrapassou todos os Anjos por sua plenitude de graça, e para manifestar esta preeminência o Arcanjo Gabriel inclinou-se diante dela, dizendo: *cheia de graça*; o que quer dizer: a vós venero, porque me ultrapassais por vossa plenitude de graça.

Diz-se também da Bem-aventurada Virgem que é *cheia de graça*, em três perspectivas: Primeiro, sua alma possui toda a plenitude de graça. Deus dá a graça para fazer o bem e para evitar o mal. E sob esse duplo aspecto a Bem-aventurada Virgem possuía a graça perfeitissimamente, porque foi ela quem melhor evitou o pecado, depois de Cristo. O pecado ou é original ou atual; mortal ou venial. A Virgem foi preservada do pecado original, desde o primeiro instante de sua concepção e permaneceu sempre isenta de pecado mortal ou venial. Também está escrito, no Cântico dos Cânticos: (4, 7) *Tu és formosa, amiga minha, e em ti não há mácula*. "Com exceção da Santa Virgem, diz Santo Agostinho, em seu livro sobre a natureza e a graça; todos os santos e santas, em sua vida terrena, diante da pergunta: "estais sem pecados?" teriam gritado a uma só voz: "Se disséssemos: estamos sem pecado (cf. 1, Jo 1, 6), estaríamos enganando-nos a nós mesmos e a verdade não estaria conosco". "A Virgem santa é a única exceção. Para honrar o Senhor, quando se trata a respeito do pecado, não se faça nunca referência à Virgem Santa. Sabemos que a ela foi dada uma abundância de graças maior, para triunfar completamente do pecado. Ela mereceu conceber Aquele que não foi manchado por nenhuma falta". Mas o Cristo ultrapassou a Bem-aventurada Virgem. Sem dúvida, um e outro foram concebidos e nasceram sem pecado original. Mas Maria, contrariamente a seu Filho, lhe é submissa de direito. E se ela foi, de fato, totalmente preservada, foi por uma graça e um privilégio singular de Deus Todo Poderoso que é devido aos méritos de seu Filho, Jesus Cristo, Salvador do gênero humano. .

A Virgem realizou também as obras de todas as virtudes. Os outros santos se destacam por algumas virtudes, dentre tantas. Este foi humilde, aquele foi casto, aquele outro, misericordioso, por isto são apresentados como modelo para esta ou aquela determinada virtude; como, por exemplo, se apresenta São Nicolau, como modelo de misericórdia. Mas a Bem-aventurada Virgem é o modelo e o exemplo de todas as virtudes. Nela achareis o modelo da humildade. Escutai suas palavras: (Lc 1, 38) *Eis a escrava do Senhor*. E mais (Lc 1, 48): *O Senhor olhou a humildade de sua serva*. Ela é também o modelo da castidade: ela mesma confessa que não conheceu homem (cf. Lc 1, 43). Como é fácil constatar, Maria é o modelo de todas as virtudes. A Bem-aventurada Virgem é pois cheia de graça, tanto porque faz o bem, como porque evita o mal.

Em segundo lugar, a plenitude de graça da Virgem Santa se manifesta no reflexo da graça de sua alma, sobre sua carne e todo o seu corpo. Já é uma grande felicidade que os santos gozem de graça suficiente, para a santificação de suas almas. Mas a alma da Bem-aventurada Virgem Maria possui uma tal plenitude de graça, que esta graça de sua alma reflete sobre sua carne, que, por sua vez, concebe o Filho de Deus. Porque o amor do Espírito Santo, nos diz Hugo de São Vitor, arde no coração da Virgem com um ardor singular, Ele opera em sua carne maravilhas tão grandes, que dela nasceu um Homem Deus, como avisa o Anjo à Virgem santa: (Lc 1, 35) *Um Filho santo nascerá de ti e será chamado Filho de Deus*.

Em terceiro lugar, a Bem-aventurada Virgem é cheia de graça, a ponto de espalhar sua plenitude de graça sobre todos os homens. Que cada santo possua graça suficiente para a salvação de muitos homens é coisa considerável. Mas se um santo fosse dotado de uma graça capaz de salvar toda a humanidade, ele gozaria de uma abundância de graça insuperável. Ora, essa plenitude de graça

existe no Cristo e na Bem-aventurada Virgem. Em todos os perigos, podemos obter o auxílio desta gloriosa Virgem. Canta o esposo, no Cântico dos Cânticos: (4, 4) *Teu pescoço é como a torre de Davi, edificada com seus baluartes. Dela estão pendentes mil escudos*, quer dizer, mil remédios contra os perigos. Também em todas as ações virtuosas podemos beneficiar-nos de sua ajuda. *Em mim há toda a esperança da vida e da virtude* (Ecl 24, 25).

Maria

A Virgem, cheia de graça, ultrapassou os Anjos, por sua plenitude de graça. E por isto é chamada Maria, que quer dizer, "iluminada interiormente", donde se aplica a Maria o que disse Isaias: (58, 11) *O Senhor encherá tua alma de esplendores*. Também quer dizer: "iluminadora dos outros", em todo o universo; por isso, Maria é comparada, com razão, ao sol e à lua.

O senhor é convosco

Em segundo lugar, a Virgem ultrapassa os Anjos em sua intimidade com o Senhor. O arcanjo Gabriel reconhece esta superioridade, quando lhe dirige estas palavras: *O Senhor é convosco*, isto é, venero-vos e confesso que estais mais próxima de Deus do que eu mesmo estou. *O Senhor está*, efetivamente, *convosco*. O Senhor Pai está com Maria, pois Ele não se separa de maneira nenhuma de seu Filho e Maria possui este Filho, como nenhuma outra criatura, até mesmo angélica. Deus mandou dizer a Maria, pelo Arcanjo Gabriel (Lc 1, 35) *Uma criança santa nascerá de ti e será chamada Filho de Deus*. O Senhor está com Maria, pois repousa em seu seio. Melhor do que a qualquer outra criatura se aplicam a Maria estas palavras de Isaias: (12, 6) *Exulta e louva, casa de Sião, porque o Grande, o Santo de Israel está no meio de ti*. O Senhor não habita da mesma maneira com a Bem-aventurada Virgem e com os Anjos. Deus está com Maria, como seu Filho; com os Anjos, Deus habita como Senhor. O Espírito Santo está em Maria, como em seu templo, onde opera. O arcanjo lhe anunciou: (Lc 1, 35) *O Espírito Santo virá sobre ti*. Assim, pois, Maria concebeu por efeito do Espírito Santo e nós a chamamos "Templo do Senhor", "Santuário do Espírito Santo". (cf. liturgia das festas de Nossa Senhora). Portanto, a Bem-aventurada Virgem goza de uma intimidade com Deus maior do que a criatura angélica. Com ela está o Senhor Pai, o Senhor Filho, o Senhor Espírito Santo, a Santíssima Trindade inteira. Por isso canta a Igreja: "Sois digno trono de toda a Trindade". É esta então a palavra mais nobre, a mais expressiva, como louvor, que podemos dirigir à Virgem.

Maria

Portanto o Anjo reverenciou a Bem-aventurada Virgem, como mãe do Soberano Senhor e, assim, ela mesma como Soberana. O nome de Maria, em siríaco significa soberana, o que lhe convém perfeitamente.

Em terceiro lugar, a Virgem ultrapassou aos Anjos em pureza. Não só possuía em si mesma a pureza, como procurava a pureza para os outros. Ela foi puríssima de toda culpa, pois foi preservada do pecado original e não cometeu nenhum pecado mortal ou venial, como também foi livre de toda pena.

Bendita sois vós entre as mulheres

Três maldições foram proferidas por Deus contra os homens, por causa do pecado original. A primeira foi contra a mulher, que traria seu filho no sofrimento e daria à luz com dores. Mas a Bem-aventurada Virgem não está submetida a estas penas. Ela concebeu o Salvador sem corrupção, trouxe-o alegremente em seu seio e o teve na alegria. A Ela se aplica a palavra de Isaias: (35, 2) *A terra germinará, exultará, cantará louvores*.

A segunda maldição foi pronunciada contra o homem (Gn 3, 9): *Comerás o teu pão com o suor de teu rosto*. A Bem-aventurada Virgem foi isenta desta pena. Como diz o Apóstolo (1 Cor 7, 32-34): *Fiquem livres de cuidados as virgens e se ocupem só com o Senhor*. A terceira maldição foi comum ao homem e à mulher. Em razão dela devem ambos tornar ao pó. A Bem-aventurada Virgem disto também foi preservada, pois foi, com o corpo, assunta aos céus. Cremos que, depois de morta, foi ressuscitada e elevada ao céu. Também se lhe aplicam muito apropriadamente as palavras do Salmo 131, 8: *Levanta-te, Senhor, entra no teu repouso; tu e a arca da tua santificação*.

Maria

A Virgem foi pois isenta de toda maldição e bendita entre as mulheres. Ela é a única que suprime a maldição, traz a bênção e abre as portas do paraíso.

Também lhe convém, assim, o nome de Maria, que quer dizer, "Estrela do mar", Assim como os navegadores são conduzidos pela estrela do mar ao porto, assim, por Maria, são os cristãos conduzidos à Glória.

Bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.

O pecador procura nas criaturas aquilo que não pode achar, mas o justo o obtém. *A riqueza dos pecadores está reservada para os justos*, dizem os Provérbios (13, 22). Assim Eva procurou o fruto, sem achar nele a satisfação de seus desejos. A Bem-aventurada Virgem, ao contrário, achou em seu fruto tudo o que Eva desejou.



Eva, com efeito, desejou de seu fruto três coisas: Primeiro, a deificação de Adão e dela mesma e o conhecimento do bem e do mal, como lhe prometera falsamente o diabo: *Sereis como deuses* (Gn 3, 5), disse-lhes o mentiroso. O diabo mentiu, porque ele é mentiroso e o pai da mentira (cf. Jo 8, 44). E por ter comido do fruto, Eva, em vez de se tornar semelhante a Deus, tornou-se dessemelhante. Por seu pecado, afastou-se de Deus, sua salvação, e foi expulsa do paraíso. A Bem-aventurada Virgem, ao contrário, achou sua deificação no fruto de suas entranhas. Por Cristo nos unimos a Deus e nos tornamos semelhantes a Ele. Diz-nos São João: (1 Jo 3, 2) *Quando Deus se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos como Ele é*.

Em segundo lugar, Eva desejava o deleite (cf. Gn 3, 6), mas não o encontrou no fruto e imediatamente conheceu que estava nua e a dor entrou em sua vida. No fruto da Virgem, ao contrário, encontramos a suavidade e a salvação. *Quem come minha carne tem a vida eterna* (Jo 6, 55).

Enfim, o fruto de Eva era sedutor no aspecto, mas quão mais belo é o fruto da Virgem que os próprios Anjos desejam contemplar (cf. 1 Pe 1, 12). *É o mais belo dos filhos dos homens* (Sl 44, 3), *porque é o esplendor da glória de seu Pai* (Heb 1, 3) como diz S. Paulo. Portanto, Eva não pôde

achar em seu fruto o que também nenhum pecador achará em seu pecado. Acharemos, no entanto, tudo o que desejamos no fruto da Virgem. Busquemo-lo.

O fruto da Virgem Maria é bendito por Deus, que de tal forma encheu-o de graças que sua simples vinda já nos faz render homenagem a Deus. *Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo*, declara São Paulo (Ef 1, 3). O fruto da Virgem é bendito pelos Anjos. O Apocalipse (7, 11) nos mostra os Anjos caindo com a face por terra e adorando o Cristo com seus cantos: *O louvor, a glória, a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força ao nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém.* O fruto de Maria é também bendito pelos homens: Toda a língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai, nos diz o Apóstolo (Fp 2, 11). E o Salmista (Sl 117, 26) o saúda assim: *Bendito o que vem em nome do Senhor.* Assim, pois, a Virgem é bendita, porém, bem mais ainda, é o seu fruto.

A Fé por São Tomás

O primeiro bem necessário para o cristão é a fé. Sem a fé ninguém pode ser chamado de fiel cristão.

O primeiro bem é a união da alma com Deus. Pela fé realiza-se uma espécie de matrimônio entre a alma e Deus, conforme se lê no Profeta Oséias: *“Desposar-te-ei na fé”*. (Os 2, 20). Quando o homem é batizado, deve, em primeiro lugar, confessar a fé ao responder à pergunta — crês em Deus? — porque o batismo é o primeiro sacramento da fé. O Senhor mesmo disse: *“O que crer e for batizado será salvo”* (Mc 16, 16). O batismo sem a fé é destituído de valor. Deve-se, portanto, ter por certo que ninguém pode ser aceito por Deus sem a fé”. *“Sem a fé é impossível agradar a Deus”*, diz S. Paulo (Heb 11, 6). Sto. Agostinho comentando este texto da carta aos Romanos — *“Tudo o que não procede da fé é pecado”* (14, 23), assim se expressa: *“Onde não existe o conhecimento da verdade eterna e imutável, a virtude é falsa mesmo nas pessoas retas”*.

O segundo bem é este: pela fé é iniciada em nós a vida eterna. A vida eterna não consiste senão em conhecer a Deus, conforme lê-se em S. João: *“Esta é a vida eterna, que Vos conheçam como único Deus verdadeiro”*. (Jo 17, 3). Esse conhecimento de Deus inicia-se aqui pela fé, mas é completado na vida futura, quando O conheceremos tal como é. Por isso lê-se na carta aos Hebreus: *“A fé é a substância das coisas que se esperam”* (11, 11). Ninguém alcançará a bem-aventurança eterna, sem que tivesse primeiramente o conhecimento de fé, pois está escrito: *“Bem-aventurados os que não viram e creram”* (Jo 20, 29).

A vida presente é orientada pela fé: eis o terceiro bem. Para que o homem viva bem, convém que conheça os princípios do bem viver. Se pelo próprio esforço devesse aprender esses princípios, ou não chegaria a conhecê-los, ou só os poderia conhecer após um longo tempo. Mas a fé ensina todos os princípios do bem viver. Ora, ela ensina que há um só Deus, que Deus recompensa os bons e pune os maus, que existe uma outra vida, e outras verdades semelhantes. Esse conhecimento é suficiente para nos levar a praticar o bem e evitar o mal, pois diz o Senhor: *“O meu justo vive da fé”* (Hab 2, 4). Eis porque nenhum filósofo antes da vinda de Cristo, apesar do grande esforço intelectual que despendiam, pôde chegar ao conhecimento de Deus e dos meios necessários para alcançar a vida eterna, como depois do advento do Cristo, qualquer velhinha chegou pela fé. Eis porque Isaías profetizou assim esse advento: *“Encheu-se a terra da ciência de Deus”* (11, 23).

O quarto bem é que pela fé venceram as tentações, conforme lê-se nas Escrituras: *“Os santos pela fé venceram os reinos”* (Heb 11, 23). As tentações procedem do diabo, do mundo, ou da carne. O diabo tenta para que tu não obedças nem te submetas a Deus. Ora, é pela fé que o repelimos, porque é pela fé que conhecemos que há um só Deus e que só a Ele devemos obedecer. Por isso escreveu São Pedro: *“O diabo, vosso adversário, está rondando para ver se devora alguém: a ele deveis resistir pela fé”* (1 Pd 5, 8). O mundo nos tenta, seduzindo-nos na prosperidade, ou nos atemorizando nas adversidades. Mas ambas as tentações vencemos pela fé. Ela nos faz crer numa vida melhor, e, por isso, desprezamos as prosperidades do mundo e não tememos as adversidades.

Eis porque está escrito: *“Esta é vitória que vence o mundo, a vossa fé”* (1 Jo 5, 4). Além disso, a fé nos ensina a acreditar que há males maiores, isto é, que existe o inferno. A carne nos tenta, conduzindo-nos para os deleites momentâneos da vida presente. Mas a fé nos mostra que por eles, se a eles indevidamente aderimos, perderemos os deleites eternos. Por isso nos aconselha o Apóstolo: *“Tende sempre nas mãos o escudo da fé”* (Ef 6, 16).

Por essas razões fica provado que é muito útil ter fé.

Mas pode alguém objetar: é insensatez acreditar naquilo que não se vê: não se deve crer senão naquilo que se vê. Respondo a essa objeção com os seguintes argumentos.

Primeiro. É a própria imperfeição da nossa inteligência que desfaz essa dúvida. Realmente, se o homem pudesse por si mesmo conhecer perfeitamente as coisas visíveis e invisíveis seria insensato acreditar nas coisas que não vemos. Mas o nosso conhecimento é tão limitado que nenhum filósofo até hoje conseguiu perfeitamente investigar a natureza de uma só mosca. Conta-se até que certo filósofo levou trinta anos no deserto para conhecer a natureza das abelhas. Ora, se a nossa inteligência é tão limitada assim, é muito maior insensatez não querer acreditar em algo a respeito de Deus a não ser naquilo que o homem pode conhecer por si mesmo d’Ele. Lê-se no livro de Jó: *“Eis como Deus é grande e ultrapassa a nossa ciência”* (36, 26).

Segundo. Consideremos, por exemplo, um mestre que assimilou uma verdade e de um aluno pouco inteligente que a entendeu diversamente, porque não a atingiu. Ora, esse aluno pouco inteligente deve ser considerado como bastante tolo. Sabemos que a inteligência dos Anjos ultrapassa a do maior filósofo, como a deste, a inteligência dos ignorantes. Portanto, seria tolo o filósofo que não acreditasse nas coisas ditas pelos Anjos. Ele seria muito mais tolo se não acreditasse nas coisas ditas por Deus. Lê-se, a esse respeito, nas Escrituras: *“Foram-te apresentadas muitas verdades que ultrapassam a inteligência do homem”* (Ec 3, 25).

Terceiro. Se o homem não acreditasse senão nas coisas que vê, nem poderia viver neste mundo. Pode alguém viver sem acreditar em outrem? Como podes tu saber que este é teu pai? É, pois, necessário que o homem acredite em alguém, quando se trata de coisas que por si só não as pode conhecer. Ora, ninguém é mais digno de fé do que Deus. Por conseguinte, os que não acreditam nas verdades da fé não são sábios, mas tolos e soberbos. São Paulo refere-se a esses como sendo — *“soberbos e ignorantes...”* (1 Tm 6, 4). Por isso S. Paulo diz de si: *“Sei em quem acreditei e tenho certeza...”* (2 Tm 1, 12). Tudo isso é confirmado no Livro do Eclesiástico: *“Vós que temeis o Senhor, acreditai n’Ele”* (2, 8).

Quarto. Pode-se ainda responder dizendo que Deus comprova as verdades da fé. Se um rei enviasse suas cartas seladas com o selo real, ninguém ousaria dizer que aquelas cartas não vinham do próprio rei. É claro que as verdades nas quais os santos acreditaram e que nos transmitiram como sendo de fé cristã, estão seladas com o selo de Deus. Esse selo é significado por aquelas obras que uma simples criatura não pode fazer, isto é, pelos milagres. Pelos milagres Cristo confirmou as palavras do Apóstolo e dos Santos.

Pode, porém, replicar dizendo que ninguém viu esses milagres. É fácil responder a essa objeção. É conhecido que toda a humanidade prestava culto aos ídolos e que a fé cristã foi perseguida, confirmando-o, além do mais, a história do paganismo. Converteram-se todos, porém, em pouco tempo a Cristo. Os sábios, os nobres, os ricos, os governos e os grandes converteram-se pela pregação de poucos homens rudes e pobres. Ora, de duas uma: ou se converteram por que viram milagres, ou não. Se foi porque viram milagres que se converteram, a tua objeção não tem sentido. Se não o foi, respondo que não poderia haver maior milagre que esse de todos os homens converterem-se sem terem visto milagres. Deves te dar por vencido.

Eis porque ninguém pode duvidar da fé. Devemos acreditar mais nas verdades da fé do que nas coisas que vemos, por que a vista do homem pode falhar, mas a ciência de Deus é sempre infalível.

Os efeitos da Eucaristia

No seu *Sermão sobre o Corpo do Senhor - Summa Theologiae IIIa. Pars Qs. 79-80*, São Tomás tratou detalhadamente sobre a Eucaristia.

No Sacramento da Eucaristia, em virtude das palavras da instituição, as espécies simbólicas se mudam em corpo e sangue; seus acidentes subsistem no sujeito; e nele, pela consagração, sem violação das leis da natureza, o Cristo único e inteiro existe. Ele próprio em diversos lugares, assim como uma voz é ouvida e existe em vários lugares, continuando inalterado e permanecendo inviolável quando dividido, sem sofrer diminuição alguma. Cristo, de fato, está inteira e perfeitamente em cada e em todo fragmento de hóstia, assim como as aparências visíveis que se multiplicam em centenas de espelhos.

O efeito deste Sacramento deve ser considerado, portanto, primeira e principalmente em função daquilo que nele está contido, que é o Cristo. Ele, vindo ao mundo em forma visível, trouxe ao mundo a vida da graça, segundo nos diz o Evangelho de João: *"A graça e a verdade, porém, vieram por meio de Jesus Cristo"*. Assim, da mesma forma, vindo Cristo ao mundo em forma sacramental, opera a vida da graça, segundo ainda outra passagem do mesmo Evangelho: *"Quem me come, viverá por mim"*,

O efeito deste Sacramento deve, ademais, ser considerado também pelo que ele representa, que é a Paixão de Cristo. Por isto, o efeito que a Paixão de Cristo realizou no mundo, este Sacramento também realiza no homem.

O efeito deste Sacramento também deve ser considerado pelo modo através do qual ele é trazido aos homens, que é por modo de comida e bebida. E por isto todo efeito que a bebida e a comida material realizam quanto à vida corporal, isto é, sustentar, crescer, reparar e deleitar, tudo isto realiza este Sacramento quanto à vida espiritual. E é por isto que se diz: *"Este é o pão da vida eterna, pelo qual se sustenta a substância de nossa alma"*. De onde que o próprio Senhor diz, no Evangelho de São João: *"Minha carne é verdadeiramente comida, e meu sangue é verdadeiramente bebida"*.

Finalmente, o efeito do Sacramento da Eucaristia deve ser considerado pelas espécies em que este Sacramento nos é oferecido. Foi por causa disto que escreveu Santo Agostinho: *"O Senhor confiou-nos o Seu Corpo e o Seu Sangue em coisas tais que são reduzidas à unidade a partir de muitas outras, porque o pão é um, embora conste de muitos grãos, e o vinho é feito a partir de muitas uvas"*. E por isso ele também escreveu em outro lugar: *"Ó Sacramento da piedade, ó sinal da unidade, ó vínculo da caridade!"*.

E porque Cristo e sua Paixão são causa da graça, e uma refeição espiritual e a caridade não podem existir sem a graça, por todas estas coisas é manifesto que este Sacramento confere a graça.

Mas, conforme diz São Gregório na homilia de Pentecostes, *"o amor de Deus não é ocioso; opera grandes coisas, se de fato existe"*. Por isto, por meio deste Sacramento, o quanto pertence a seu efeito próprio, não somente é conferido o hábito da graça e da virtude, mas também esta é conduzida ao ato, segundo o que está escrito na Segunda Epístola aos Coríntios: *"O amor de Cristo nos impele"*. Daqui é que provém que pela virtude do Sacramento da Eucaristia a alma faz uma refeição espiritual por deleitar-se e inebriar-se pela doçura da bondade divina, segundo o que diz o Cântico dos Cânticos: *"Comei, amigos, e bebei; e inebriai-vos, caríssimos"*.

Este Sacramento também tem virtude para a remissão dos pecados veniais, o que pode ser visto pelo fato de que ele é tomado sob a espécie de alimento nutritivo. A nutrição proveniente do alimento é necessária ao corpo para restaurar aquilo que em cada dia é desperdiçado pelo calor natural.

Espiritualmente, porém, em nós também é desperdiçado a cada dia algo pelo calor da concupiscência pelos pecados veniais que diminuem o fervor da caridade. E por isto compete a este Sacramento a remissão dos pecados veniais. De onde que Santo Ambrósio diz, no livro *Dos Sacramentos*, que este pão de cada dia é tomado "*como remédio da enfermidade de cada dia*".

Ademais, a coisa deste Sacramento é a caridade, não somente quanto ao hábito, mas também quanto ao ato, ao qual é conduzida neste Sacramento, pelo qual os pecados veniais se dissolvem. De onde que é manifesto que pela virtude deste Sacramento ocorre a remissão dos pecados veniais. Os pecados veniais, ao contrário dos mortais, não contrariam a caridade quanto ao hábito, mas contrariam a caridade quanto ao fervor do ato, ao qual é conduzida por este Sacramento. É por esta razão que os pecados veniais são perdoados pelo Sacramento da Eucaristia.

O Sacramento da Eucaristia pode também perdoar toda a pena devida ao pecado. Este efeito pode ocorrer tanto por ele ser sacrifício, como por ser sacramento. A Eucaristia possui razão de sacrifício na medida em que é oferecido; possui razão de sacramento na medida em que é tomado.

Como Sacramento, a Eucaristia possui diretamente aquele efeito para o qual foi instituído. Não foi, porém, como Sacramento, instituído para satisfazer, mas para alimentar espiritualmente pela união a Cristo e aos seus membros, assim como o alimento se une ao alimentado. Mas porque esta união se realiza pela caridade, por cujo fervor alguém pode conseguir a remissão não apenas da culpa, mas também da pena, daqui ocorre que por conseqüência, por uma certa concomitância ao efeito principal, o homem alcança a remissão também para a pena. Não, porém, de toda a pena, mas de acordo como o modo de sua devoção e fervor.

Mas, na medida em que é Sacrifício, a Eucaristia possui virtude satisfatória. Entretanto, também na satisfação mais deve se considerar o afeto do oferente do que a quantidade da oblação, de onde que o Senhor disse, no Evangelho de São Lucas, da viúva que ofereceu apenas duas moedas, que "*ofereceu mais do que todos*". Embora, portanto, a oblação eucarística pela sua própria quantidade seja suficiente para a satisfação de toda a pena, todavia torna-se satisfatória para aqueles pelos quais é oferecida, ou também para os próprios oferentes, de acordo com a quantidade de sua devoção, e não por toda a pena.

A Eucaristia também preserva o homem dos pecados futuros, pelo mesmo modo em que o corpo é preservado da morte futura. O pecado é uma certa morte espiritual da alma. Ora, a natureza corporal do homem é preservada da morte pela comida e pelo remédio na medida em que a natureza humana é interiormente fortificada contra o que pode corrompê-la interiormente. É deste modo que este Sacramento preserva o homem do pecado, porque através dele, unindo-se a Cristo pela graça, é fortalecida a vida espiritual do homem, ao modo de uma comida espiritual e um remédio espiritual. É assim que diz o Salmo 103: "*O pão confirma o coração do homem*".

A Eucaristia preserva o homem dos pecados futuros também o defendendo contra as impugnações exteriores. Pois é sinal da Paixão de Cristo, pela qual foram vencidos os demônios, de modo que este Sacramento repele toda a impugnação dos demônios.

Ainda que este Sacramento não diretamente se ordene à diminuição do incitamento do pecado, diminui, porém, este incitamento por uma certa conseqüência, na medida em que aumenta a caridade, porque, segundo diz Agostinho no *Livro das 83 Questões*, "*O aumento da caridade é a diminuição da cobiça*". Diretamente, porém, a Eucaristia confirma o homem no bem, pelo que também é preservado o homem do pecado.

Este Sacramento, ademais, é de proveito para muitos outros além dos que o recebem porque, conforme foi dito, este Sacramento não é apenas sacramento, mas é também sacrifício. Na medida em que neste Sacramento é representada a Paixão de Cristo, pela qual Cristo se ofereceu a Si

mesmo como hóstia a Deus, possui razão de sacrifício. Na medida, porém, em que neste Sacramento é trazida invisivelmente a graça sob uma espécie visível, possui razão de sacramento.

Assim, pois, este Sacramento é, para os que o recebem, de proveito não só por modo de sacramento, como também por modo de sacrifício, porque é oferecido por todos os que o recebem.

Mas também é de proveito para os que não o recebem, embora apenas por modo de sacrifício, na medida em que é oferecido pela salvação deles. É por isso que no cânon da Missa se diz: *"Lembraivos, Senhor, dos vossos servos e servas, pelos quais nós Vos oferecemos, e eles Vos oferecem também, este Sacrifício de louvor, por si e por todos os seus, pela redenção de suas almas, pela esperança de sua salvação e sua segurança"*.

O próprio Senhor, ademais, expressou que a Eucaristia seria de proveito para outros além dos que a recebem, quando disse, na última Ceia: *"Este cálice é o meu sangue, que por vós"*, isto é, os que o recebem, *"e por muitos"* outros, *"será derramado para o perdão dos pecados"*.

Pode-se, porém, argumentar que sendo o efeito deste Sacramento a obtenção da graça e da glória e a remissão da culpa, pelo menos da venial, se este Sacramento realmente tivesse efeito em outros além dos que o recebem poderia acontecer que alguém alcançasse a glória, a graça e a remissão das culpas sem ação nem paixão própria, por algum outro ter oferecido ou recebido este Sacramento. Responde-se a isto dizendo que assim como a Paixão de Cristo é de proveito para todos para a remissão da culpa, e a obtenção da graça e da glória, mas não produz efeito senão naqueles que se unem à Paixão de Cristo pela fé e pela caridade, assim também este sacrifício que é a Eucaristia, memorial da Paixão do Senhor, não produz efeito senão naqueles que se unem a este Sacramento pela fé e pela caridade. De onde que no Cânon da Missa não se ora por aqueles que estão fora da Igreja. Aos que nela estão, porém, o Sacrifício Eucarístico é de proveito maior ou menor de acordo com o modo de sua devoção.

Mas, assim como se deve dizer que o Sacramento da Eucaristia obtém a remissão dos pecados veniais, assim devemos também dizer que os pecados veniais impedem o efeito deste Sacramento. Pois diz São João Damasceno: *"O fogo do seu desejo que há em nós, acendendo-se mediante aquele fogo que há no carvão"*, isto é, neste Sacramento, *"queimará nossos pecados e iluminará nossos corações para que ardamos e nos deifiquemos pela participação do fogo divino"*. Mas o fogo do nosso desejo ou do nosso amor é impedido pelos pecados veniais, que impedem o fervor da caridade. Portanto, os pecados veniais impedem o efeito deste Sacramento.

Os pecados veniais podem ser considerados de dois modos. De um primeiro modo, na medida em que são passados. De um segundo modo, na medida em que estão sendo exercidos em ato. Segundo o primeiro modo, os pecados veniais de nenhum modo impedem o efeito deste Sacramento. De fato, pode acontecer que alguém, depois de ter cometido muitos pecados veniais, se aproxime devotamente a este Sacramento e alcance plenamente o seu efeito. Porém, de acordo com o segundo modo, os pecados veniais não impedem totalmente o efeito deste Sacramento, mas apenas em parte. De fato, foi dito que o efeito deste Sacramento não é apenas a obtenção da graça habitual ou da caridade habitual, mas também uma certa refeição atual de espiritual doçura. A qual, na verdade, é impedida se alguém se aproximar a este Sacramento com a mente distraída pelos pecados veniais. O aumento da graça habitual ou da caridade habitual, porém, não é tirado.

Aquele que com o ato do pecado venial se aproxima deste Sacramento come espiritualmente segundo o hábito, mas não segundo o ato. E por isto recebe o efeito deste Sacramento segundo o hábito, não segundo o ato.

Nisto o Sacramento da Eucaristia difere do Batismo, porque o Batismo não se ordena a um efeito atual, isto é, ao fervor da caridade, do modo como ocorre com o Sacramento da Eucaristia. O

Batismo é uma regeneração espiritual, pelo qual se adquire uma primeira perfeição, que é um hábito ou forma; mas a Eucaristia é uma refeição espiritual que possui uma deleitação atual.

Quem está em pecado mortal comete sacrilégio ao receber a Eucaristia, porque há duas coisas sacramentais na Eucaristia. A primeira, significada e contida, é o próprio Cristo; a segunda, significada mas não contida, é o Corpo Místico de Cristo, isto é, a sociedade ou comunhão dos santos. Quem quer que, pois, receba este Sacramento, só por isto significa estar unido a Cristo e aos seus membros. Ora, isto se realiza pela fé formada pela caridade, que ninguém pode possuir juntamente com o pecado mortal. E por isto é manifesto que quem quer que receba este Sacramento em pecado mortal comete nele falsidade. Incorre, por este motivo, em sacrilégio, como violador do Sacramento. Peca, por causa disto, mortalmente.

Os pecadores, porém, que tocavam o Corpo de Cristo não sob a espécie sacramental, mas em sua substância própria, não pecavam. Às vezes até alcançavam o perdão dos pecados, como se lê no Evangelho de São Lucas a respeito da mulher pecadora. Isto acontecia porque o Cristo, aparecendo sob a sua espécie própria, não se exibia para ser tocado pelos homens em sinal de união espiritual com Ele, como é o caso quando se oferece para ser recebido neste Sacramento. Foi por isso que os pecadores que o tocavam em sua própria espécie não incorriam no crime de falsidade contra a divindade, como o fazem os pecadores que recebem este Sacramento.

O pecador que recebe o Corpo de Cristo pode ser comparado, quanto à semelhança do crime, a Judas que beijou Cristo, porque ambos ofendem a Cristo sob um sinal de caridade. Esta semelhança compete a todos os pecadores em geral, porque por todos os pecados mortais age-se contra a caridade de Cristo, de que é sinal este Sacramento, e tanto mais quanto os pecados são mais graves. Mas sob um aspecto especial os pecados contra o sexto mandamento tornam o homem mais inepto para o recebimento deste Sacramento, na medida em que, a saber, por este pecado o espírito é maximamente submetido à carne, e desta maneira é impedido o fervor do amor que é requerido neste Sacramento.

Que ninguém, pois, se aproxime desta Mesa sem reverente devoção e fervente amor, sem verdadeiro arrependimento, ou sem lembrar-se de sua Redenção. Maravilhoso é este Sacramento em que uma inefável eficácia inflama os afetos com o fogo da caridade. Que revigorante maná é aqui oferecido para o viajante! Ele restaura o vigor dos fracos, a saúde para os doentes, confere o aumento da virtude, faz a graça superabundar, purga os vícios, refresca a alma, renova a vida dos aflitos, vincula uns aos outros todos os fiéis na união da caridade. Este Sacramento da fé também inspira a esperança e aumenta a caridade. É o pilar central da Igreja, a consolação dos que falecem, e o acabamento do Corpo Místico de Cristo. A fé amadurece, e a devoção e a caridade fraterna são aqui saboreadas. Que estupenda provisão para o caminho é esta, que conduz o viajante até à montanha das virtudes! Este é o pão verdadeiro que é comido e não consumido, que dá força sem perdê-la. É a nascente da vida e a fonte da graça. Perdoa o pecado e enfraquece a concupiscência. Os fiéis encontram aqui a sua refeição, e as almas um alimento que ilumina a inteligência, inflama os afetos, purga os defeitos, eleva os desejos. Ó cálice de doçura para as almas devotas, este sublime Sacramento, ó Senhor Jesus, declara para os que crêem Tuas maravilhosas obras.

Pensamentos de São Tomás

"Há de se notar que um indivíduo, vivendo em sociedade, constitui de certo modo uma parte ou um membro desta sociedade. Por isso, aquele que faz algo para o bem ou para o mal de um de seus membros atinge, com isso, a toda a sociedade" ("Summa Theologiae", I-II, q. 21, a. 3).

"O detrator é a abominação dos homens.

"É evidente que somente as criaturas intelectuais são, falando propriamente, à imagem de Deus" ("Suma Teológica", I, q. 93, a. 2).

"O brincar é necessário para (levar) a vida humana ("Suma Teológica", II-II, 168, 3, ad 3).

"É evidente que Deus existe".



"A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria".

"Dê-me, Senhor, agudeza para entender, capacidade para reter, método e faculdade para aprender, sutileza para interpretar, graça e abundância para falar. Dê-me, Senhor, acerto ao começar, direção ao progredir e perfeição ao concluir".

"A beleza das ações humanas depende de sua conformidade com a ordem da inteligência, como ensinou Túlio: É belo tudo quanto diz bem da excelência do homem no aspecto em que ele difere dos outros seres" ("Suma Teológica", II-IIae, q. 142, a. 2).

"O fim último do universo é o bem do entendimento, que é a verdade".

"O avarento não é útil para os outros nem para si mesmo, pois não se atreve a gastar nem sequer consigo mesmo."

"Uma boa intenção não justifica fazer algo mal" ("In Duo Praecepta Caritatem", 1).

"Quero-Te só a Ti" (Santo Tomás de Aquino a Nosso Senhor Jesus Cristo).

"O estudioso é aquele que leva aos demais o que ele compreendeu: a Verdade".

"As virtudes nos aperfeiçoam, capacitando-nos para seguir de modo devido as inclinações naturais."

"Os professores devem ser elevados em suas vidas, de modo que iluminem aos fiéis com sua pregação, ilustrem aos estudantes com seus ensinamentos, e defendam a Fé mediante suas disputas contra o erro" ("Contra Retraentes").

"Qualquer amigo verdadeiro quer para seu amigo: 1) que exista e viva; 2) todos os bens; 3) fazer-lhe o bem; 4) deleitar-se com sua convivência; e 5) finalmente compartilhar com ele suas alegrias e tristezas, vivendo com ele um só coração" ("Summa Theologiae", II-II, q. 25, a. 7).

"O amigo é melhor que a honra, e o ser amado, melhor que o ser honrado" ("Summa Theologica", II-II, q. 74, a. 2).

"A amizade diminui a dor e a tristeza" ("Summa Theologiae", I-II, q. 36, a. 3).

"Ultima hominis felicitas est in contemplatione veritatis" [A suma felicidade do homem encontra-se na contemplação da verdade] ("Summa contra Gentiles", III, 37).

"Ubi amor ibi oculus" [Onde está o amor, aí está o olhar] ("Summa c. Gentiles", III, d. 35, 1, 2, 1).

"Unde per caritatem homo in Deo ponitur et cum eo unum efficitur" [Pela caridade o homem é posto na mesma realidade divina, fazendo-se um com Ele] ("De Potentia", IV, 9, ad 3).

"Rogo a Deus como se esperasse tudo d'Ele, mas trabalho como se esperasse tudo de mim".

"Assim como Cristo aceitou a morte corporal para dar-nos a vida espiritual, assim também suportou a pobreza temporal para dar-nos as riquezas espirituais".

"A humildade faz o homem capaz de Deus" ("Comentário ao Evangelho de São Mateus", 11, 970).

"A graça não destrói a natureza, antes a aperfeiçoa" ("Summa Theologiae", I, q. 65, a. 5).

"Qui sunt in gratia, quanto plus accedunt ad finem, plus crescere debent." [Aqueles que estão em graça, quanto mais se aproximam do fim, mais devem crescer em espiritualidade] ("Epistola ad Haebreum", X, 25).

"Três coisas são necessárias para a salvação do homem: saber o que deve crer, saber o que deve desejar, saber o que deve fazer".

"Ensinar alguém para trazê-lo à Fé é tarefa de todo e qualquer pregador, e até de todo e qualquer crente".

"Sustinere est difficilius quam aggredi" [Suportar é mais difícil que atacar] ("Summa Theologiae", II-II, q. 123, a. 6, 1).

"Toda e qualquer coisa real possui a verdade de sua natureza na medida em que imita o saber de Deus" ("Suma Teológica", I, 14, 12).

"Espero nunca ter ensinado nenhuma verdade que não tenha aprendido de Vós. Se, por ignorância, fiz o contrário, revogo tudo e submeto todos meus escritos ao julgamento da Santa Igreja Romana".

"Quem diz verdades perde amizades".

"Depois do batismo, a oração contínua é necessária ao homem para poder entrar no céu. Embora sejam perdoados os pecados pelo batismo, sempre ainda ficam os estímulos ao pecado; que nos combate interiormente, o mundo e os demônios que nos combatem exteriormente."

"A oração consiste na elevação da alma a Deus."

"Todas as graças que o Senhor, desde toda a eternidade, determinou conceder-nos, não as quer conceder a não ser por meio da oração."

"O que completa admiravelmente os méritos de um doutor tão grande é que nunca o viram desprezar, ferir ou humilhar a nenhum adversário; ao contrário, tratou-os a todos com grande bondade e respeito" (Bento XIV, 1753).

"São Tomás de Aquino adquiriu sua sabedoria mais na oração, no êxtase e na iluminação da mente do que no estudo humano" (Santa Catarina de Sena).

"*Non minus inter sanctos doctissimus quam inter doctos sanctissimus*" - O mais santo dos homens cultos e o mais culto dos homens santos (Cardeal Johannes Bessarion, 1403–1472).

Referências

Tomás de Aquino – *Sobre o Ensino (De Magistro) & Os Sete Pecados Capitais*, São Paulo, Martins Fontes, 2001

<http://www.ccel.org/a/aquinas>

<http://www.hottopos.com/videtur17/jean.htm>

<http://www4.desales.edu/~philtheo/loughlin/ATP>

<http://www.corpusthomicum.org/wintrop.html>

<http://www.santotomas.com.br/aquino/aquino.asp>

<http://www.beatrix.pro.br/educacao/aquino.htm>

<http://www.accio.com.br/Nazare/1946/sumario.htm>

<http://www.permanencia.org>

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/aquino.htm>

<http://www.tacalumni.org/aquinas>

<http://www.thomist.org>

FIM